

VISÃO DO CORREIO

O Brasil precisa prevenir mais do que reagir na saúde

A saúde pública brasileira convive com uma realidade preocupante: a prevenção ainda ocupa um espaço menor do que deveria nas políticas de governos e nos lares espalhados pelo país. Embora especialistas insistam na importância de antecipar problemas, a lógica predominante continua sendo a de reagir quando a doença se instalou. Essa dinâmica gera custos elevados, pressiona hospitais e reduz as chances de tratamentos eficazes para milhões de pessoas.

Na última sexta-feira, o ministro Alexandre Padilha convocou para o Dia D de imunização contra a gripe, realizado no sábado, alertando para a importância da proteção como forma de evitar a proliferação dos vírus da enfermidade. Nessa mesma linha, a chegada de abril traz uma série de datas que vão destacar a necessidade do cuidado com o corpo. O mês já começa com a Semana da Saúde no Brasil, celebrada entre 2 e 7, com o objetivo de promover hábitos saudáveis. Depois, será a vez de conscientizar a população sobre doença de Chagas, hemofilia, meningite, malária e hipertensão arterial, além da Semana de Vacinação nas Américas.

O país possui um dos maiores programas públicos para esse tipo de atenção do mundo, o Sistema Único de Saúde (SUS), que em sua base valoriza a atenção básica e a prevenção com ações como acompanhamento familiar e aplicação de braço para a cabeceira. Esse conjunto de iniciativas já comprovou que é possível reduzir, significativamente, a incidência de doenças quando se atua de forma antecipada. Ainda assim, a prática cotidiana revela que esses instrumentos nem sempre recebem os recursos e a prioridade necessários.

Parte do problema está na própria estrutura do sistema, que não consegue se desencilhar de um círculo vicioso estabelecido há

décadas e acaba absorvido pelo atendimento de urgência. Filas nos prontos-socorros e nos postos, superlotação nos leitos, escassez de profissionais e falta de medicamentos tornam o tratamento imediato um desafio constante. Com isso, a prevenção – que exige planejamento, continuidade e investimento de longo prazo – vai perdendo espaço.

Outro fator relevante é a cultura de buscar atendimento apenas quando surgem sintomas — a ausência de exames periódicos e de consultas regulares contribui para que as doenças avancem. Esse comportamento reflete as dificuldades de acesso, as desigualdades sociais profundas, as falhas de informação e a ineficiência das campanhas de conscientização.

Do ponto de vista econômico, investir em prevenção é comprovadamente mais eficiente. Um dos impactos aparece com os gastos menores em procedimentos de alta complexidade, complicações e internações. Além disso, levantamento mostra que cada R\$ 1 adicional investido em saúde pública gera retorno de R\$ 1,61 no Produto Interno Bruto (PIB). Alinhado a isso, a diminuição das despesas diretas e a recuperação da capacidade produtiva fazem com que cada R\$ 1 aplicado no setor resulte em R\$ 1,23 em renda a mais para as famílias.

O quadro que se coloca é técnico, político e cultural, impondo esforços amplos e complexos. O Brasil demonstrou, em diferentes momentos, que valorizar a saúde pública transforma indicadores sociais. Nesse contexto, reforçar a prevenção não é apenas uma questão médica, mas uma decisão estratégica para o desenvolvimento. A qualidade de vida de todo cidadão, garantida a partir do fortalecimento do cuidado primário e permanente, é um direito que o país não pode mais negligenciar.



“Como poucos, eu conheci as lutas e as tempestades. Como poucos, eu amei a palavra liberdade e por ela briguei.”

Oswald de Andrade
escritor, poeta e dramaturgo brasileiro
1890-1950

» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Soberania

É estarecedor ver um senador brasileiro subir num palco estrangeiro para pedir que outro país “vigie” o Brasil. Isso não é um discurso político, é uma renúncia simbólica à própria soberania. Em vez de defender as nossas instituições, ele as expõe ao ridículo, como se o país fosse incapaz de conduzir a própria democracia. Ele foi eleito para defender os interesses estrangeiros ou brasileiros? O Brasil merece líderes que o honrem!

» **Pacelli M. Zahler**
Sudoeste

BRB

O BRB tem um histórico nebuloso de malfeitos em parceria com a classe política. Há tempos, iniciou um patrocínio de gosto duvidoso (e razões publicitárias mais que duvidosas) com o Flamengo, aparentemente para satisfazer o desejo do então governador do DF, que torce por ele. O clube se arroga ser o melhor do país, com a maior torcida, mas tem uma história pouco recomendável, para não dizer pior. Agora, noticia-se a renovação desse patrocínio. Houve também a intenção da aquisição do Banco Master, vetada pelo Banco Central, mas patrocinada por figuras carimbadas da política profissional, inclusive o mencionado governador. O Master teve o presidente e diretores presos, e o BRB, o seu presidente afastado, na medida em que se revela o escândalo de um rombo bilionário no banco. E o governador do DF não tem responsabilidade em nada? Por tudo que lemos na internet, algo que cheira a trambique de alto nível. Para retaliar o BC, o Congresso Nacional quer sabotar a autonomia do banco. Essa novela ainda terá muitos capítulos.

» **Humberto Pellizzaro**
Asa Norte

CPMI do INSS

A Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) do INSS terminou da forma que simboliza bem o desgastado político que marcou todo o processo: muito barulho, pouca entrega concreta e uma condução fortemente atravessada por disputas partidárias. O que poderia ter sido uma investigação séria sobre possíveis irregularidades acabou sendo percebido por muitos como palco de narrativa política, com foco maior em desgaste do governo do que em resultados objetivos. No fim, quem perde é a própria sociedade, que

esperava respostas claras e responsabilizações. Resta agora confiar que os órgãos competentes, como a PF, conduzam investigações técnicas, imparciais e que, de fato, levem a consequências concretas, porque é isso que diferencia espetáculo político de justiça real.

» **Emerson Dias**
Brasília

Escala 6x1

A extinção da escala 6x1 deve ser feita de forma gradual e levar em conta a diferença dos setores, além de estimular a formalização por meio de incentivos fiscais. Se, simplesmente, for aprovada sem essas medidas, o resultado será corte de emprego, e isso vai impactar na arrecadação, aumentar a informalidade e a pejetização. Por isso, não pode ser feito de forma abrupta. Há todo um contexto econômico atrelado a essa medida. Não é apenas mudar a escala de trabalho.

» **Adriano Rodrigues**
Brasília

Mercosul

Após homologações, em ambas as casas legislativas, do acordo UE/Mercosul, países como Canadá, Emirados Árabes, Reino Unido, Japão, Indonésia e Vietnã aceleram as conversas para se associarem ao Mercosul, buscando fortalecer laços comerciais e diplomáticos. Foram necessários 25 anos e a obstinação do presidente Lula para alcançarmos esse objetivo. O multilateralismo é a gestão política e diplomática da ourtora globalização. Queiram ou não, um espírito na China, ou mesmo nos EUA, provoca gripe em quem está fora desse contexto. Em sentido diametralmente oposto, os EUA buscam o unilateralismo, a lei do mais forte, ainda que, para isso, seja necessário invadir, tarifar, humilhar, sequestrar e pilhar as riquezas dos mais fracos.

» **Marcus Aurelio de Carvalho**
Santos (SP)

Seleção

Após assistir ao jogo contra a França, uma conclusão: nosso problema não é o treinador, mas qualidade técnica do time. Não é nem a sombra dos elencos com os quais fomos campeões mundiais. Falta muito para podermos acreditar no hexa.

» **Sylvio Belém**
Recife

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Domingo, 29 de março, às 10h15: saindo do Píer 21, tive que ir lá à Vila Planalto para retornar à Asa Sul. L4 bloqueada, e não havia um atleta correndo ou um ciclista. Incompetência do Detran e da PM para desbloquear a via.

Sebastião Machado
Aragão — Asa Sul

Alckmin sobre fim da escala 6X1: “É uma tendência mundial”. Vai funcionar nos países sérios, onde as empresas e as pessoas não têm que pagar para cobrir gastos exorbitantes de governos. Aí, conseguem gerar fluxo para diminuir a escala.

Márcio França — São Paulo

Proibido drone sobre a residência de Bolsonaro: não é só em casa de autoridade que esse abuso é cometido. Nas praias, nos parques, pelas ruas, somos filmados sem qualquer tipo de autorização e sem o objetivo esclarecido. É preciso regular essa prática!

Maurício Barros — Cruzeiro

Qualquer pessoa normal sabe que a Seleção está bagunçada e que Vini Jr. não vai jogar bem sozinho numa equipe que não tem entrosamento nenhum!

Thiago Bandeira — Brasília

SERGIO LEO
sergioleo.valor@gmail.com

“Livre, sim. Mas só como eu quiser”

Certa manhã, ao acordar de sonhos inquietos, Gregor Samsa se viu em sua cama, deitado sobre as costas. Levantou um pouco a cabeça, desviou os olhos de sua barriga e estendeu o braço para a cabeceira, onde pegou o celular, e, como sempre, abriu o navegador para conferir sua rede social. Assustou-se.

“O que aconteceu?”, ele pensou. Não era um sonho. Em lugar de sua foto e dos posts de amigos e perfis de seu interesse, um texto lhe advertia que havia sido suspenso da rede, “por violar os padrões da comunidade”.

Ao ler os tais “padrões da comunidade”, Gregor espantou-se, de cara, ao notar que a multinacional dona de suas redes sociais, a mesma multinacional que nos tribunais grita pela “liberdade de expressão” contra governos que cogitam leis para regular abusos, afirma que limita a expressão conforme critérios definidos por ela mesma, porque a Internet “cria novas e maiores oportunidades de abuso”.

Sentindo-se um inseto por ter transgredido tão nobres propósitos, Gregor Samsa, desorientado como uma barata tonta, leu, em seguida, a confissão franca dos bilionários donos da rede social: “Em alguns casos, permitimos conteúdo que não segue nossos padrões, caso seja interessante e tenha interesse público”.

O que é “interessante” ou “de interesse público”, explica a multinacional dona da rede, é o que sua “equipe de Política de conteúdo” definir como tal, seguindo conceitos que reconhecem ser algo “altamente subjetivo”. Diferentemente dos governos, as redes julgam e punem a portas fechadas, num processo kafkiano.

Gregor Samsa, pensativo, espera ver nessas redes em breve um artigo recente, interessantíssimo, do neurocientista Álvaro Machado Dias, da *Folha de S. Paulo*, em que ele conta como as redes mudaram seu mecanismo de espalhamento de publicações, os algoritmos que impulsionam posts pela comunidade. Antes voltados à propagação de textos com muitas reações passivas, como compartilhamentos ou “likes”, os algoritmos agora dão maior relevância a manifestações que geram comentários, criam polêmica, direcionam conversas.

Samsa lembrou-se de outro artigo interessante, sobre como animais infectados por bactérias têm seu sofrimento aumentado pela própria reação do organismo contra o micróbio, que inflama o corpo, aumenta secreções, dificulta o funcionamento dos órgãos. Assim no corpo, como nas redes: reações indignadas, comentários ofendidos, a reprodução de imagens chocantes, tudo contribui para dar maior alcance a esse tipo de conteúdo, influir em corações e mentes. As próprias redes reconhecem o mal que podem fazer numa democracia conectada.

Há uma ferramenta poderosa, as vacinas, contra vírus, bactérias e outros micróbios. Samsa, espermeando indefeso contra a arbitrariedade da rede em que confiava inocentemente, aprendeu, ao ler os imperiais “padrões da comunidade”, que as democracias, especialmente em vésperas de eleições, devem dedicar-se mais a criar vacinas contra o imenso poder privado de bilionários autoneameados déspotas esclarecidos, que decidem o que seja ou não o “interesse público”.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h; domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br